

VOCAÇÃO E MISSÃO

Panorama e desafios em aberto

Elisa Silva
elisasilva63@gmail.com

RESUMO: O objetivo da Animação Missionária Vocacional (AMV) em nossas congregações é, sem dúvida, que através da sensibilização missionária se consiga a acompanhar jovens atraídos pelo carisma missionário e pelo espírito da congregação, para que possam ser novos candidatos e formem parte efetiva de nossas famílias. O processo vocacional que estamos experimentando nestas últimas décadas tem passado por muitas dificuldades. Neste artigo não queremos aprofundar a problemática da falta de vocações, nem fazer uma análise sociológica deste fenômeno. Gostaríamos de dar uma visão global sobre a realidade vocacional, provocando no seio de nossas congregações missionárias uma reflexão que aponta para um plano de renovação, com uma análise autocrítica sobre o serviço da AMV dos últimos vinte anos.

ABSTRACT: The objective of the Missionary Vocational Animation in our congregations is, without a doubt, that through missionary awareness it is possible to accompany young people attracted by the missionary charisma and the spirit of the congregation, so that they can be new candidates and form an effective part of our families. The vocational process that we are experiencing in these last decades has gone through many difficulties. In this article, we do not want to delve deeper into the problem of the lack of vocations, nor to make a sociological analysis of this phenomenon. We would like to give a global view of the vocational reality, provoking reflection within our missionary congregations that points to a renewal plan, with a self-critical analysis of the Missionary Vocational Animation service over the last twenty years.

Na Igreja e na Vida Consagrada, as vocações à missão estão no âmbito da Cooperação Missionária. Sabemos que, por nossa própria vocação, não somos os “donos” da missão: a missão é de Deus, na qual somos chamados a cooperar.

Em sua essência, “animação” significa comunicar vida, espírito, alegria, vitalidade, abertura, entusiasmo para colocar a Igreja

em um estado permanente de missão. A animação missionária é qualquer atividade que tenha por finalidade criar, desenvolver e manter viva no Povo de Deus a consciência missionária, de modo particular, sobre a dimensão universal da missão. A cooperação é o primeiro fruto da animação missionária, entendida como espírito e vitalidade que impele os cristãos, as instituições, as congregações e as comunidades a uma responsabilidade universal.

No entanto, a animação não é feita apenas de muitas iniciativas, shows ou grandes eventos. A animação missionária significa sobretudo formar uma mentalidade, criar uma mística, uma espiritualidade missionária onde a vida se torna missão. Trata-se de criar uma consciência que se crie hábitos permanentes nas pessoas, instituições e comunidades cristãs. O zelo missionário, fruto desta mística e espiritualidade, torna-se uma escolha de vida.

As vocações missionárias nascem de um ambiente onde se respira a missão, em comunidades, grupos, famílias e indivíduos que vivem a alegria do encontro com o Senhor e que, tocados por esta experiência de amor, fazem da sua vida uma missão de Deus no mundo. A animação missionária deve suscitar o ardor, a paixão, o entusiasmo, a alegria e a coragem que levaram Paulo a exclamar: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9,16).

Por isso, em nossa AMV é importante apresentar a realidade da missão, destacar testemunhos missionários significativos; informar e refletir sobre os grandes desafios da humanidade que dizem respeito aos diferentes povos e culturas da nossa Casa comum.

PANORAMA GLOBAL DO FENÔMENO VOCACIONAL

A escassez de vocações na Vida Consagrada nas suas diferentes formas já dura mais ou menos meio século de tempo interupto. Nos reparamos que este fenómeno não teve uma reflexão séria e explícita, pois poucas vezes se tem realizado, seja a nível eclesial como congregacional. Quando se trata de uma reflexão, fala-se sobretudo da “nostalgia dos belos tempos” ou quando as circunstâncias sociológicas eram favoráveis.

Muitas vezes atribuímos a culpa à situação social dos jovens de hoje. Mas provavelmente existem perguntas que gostaríamos de nos fazer sobre nossa realidade como membros de uma congregação e sensibilizarmos mais sobre essa realidade, para enfrentá-la e dar respostas adequadas.

Por que temos tido tanta dificuldade em desenvolver planos ou projetos gerais para escutar, refletir e agir sobre a falta de vocações, na tentativa de reverter essa situação a partir de dentro de nossas congregações?

É possível que nossas congregações não estejam dispostas a se abrir para um verdadeiro período que possa reformar nossos caminhos de AMV ou fazer reformas mais profundas ai interior de nossas famílias missionárias?

Sentimo-nos verdadeiramente impotentes diante desse fenómeno? Ou provavelmente no fundo da nossa Vida Consagrada acreditamos que o nosso Carisma e a nossa Espiritualidade não dizem nada às novas gerações e ao mundo de hoje?

Podemos tomar a liberdade de pensar que não adotar medidas adequadas a este fenómeno em tempos difíceis ou críticos é como largar o timão e abandonar o navio à deriva.

Fica claro que, nos frequentes encontros ou nos capítulos gerais, nacionais ou provinciais sobre a Vida Consagrada, realizados desde o século passado, tem predominado bastantes reflexões e considerações de natureza teológica, espiritual e pastoral, mas quase nunca há espaço para se referir às dificuldades concretas e mais preocupantes, especialmente as que surgem pela falta de novos candidatos ou da deserção dos membros do Instituto.

Além da história ou da sociedade atual, dos ideais propostos pelos nossos carismas ou convicções pessoais, sabemos que a identidade missionária tem pleno sentido e razão de ser, na medida em que encarnamos o espírito do carisma fundacional adaptado à história e ao ambiente em que vivemos, porque, em princípio, o espírito é intemporal e sempre nos tem levado a admiráveis compromissos de serviço e dedicação a causas nobres. E

isto porque a Vida Consagrada, seja a título pessoal que comunitária, é um testemunho para o mundo de hoje. O missionário religioso que vive no meio de uma comunidade cristã consagrou a sua vida a Deus ao serviço dos mais fracos, dos mais necessitados, dos pobres, e este estilo de vida seguirá sendo um testemunho insubstituível em qualquer lugar e em qualquer momento.

América Latina e vocações (grosso modo)

Podemos ainda afirmar que a Esperança da Igreja se encontra na América Latina, como foi dito no século passado?

Desde a segunda metade do século passado, muitas ordens religiosas projetaram com particular intensidade o seu sentido missionário em todos os países da América Latina. Quando começou a se verificar a crise vocacional na Europa, muitas ordens religiosas pensaram que ela encontraria o seu relevo no continente da América Latina. Surgiu uma abundante colheita de vocações que durou até as últimas décadas. As comunidades religiosas no novo continente eram mais jovens, porém sujeitas a altas taxas de abandono.

De acordo com as últimas estatísticas da CLAR o declínio vocacional como um todo na América Latina ocorre a um ritmo superior ao 1% ao ano. O continente não pode mais ser considerado uma reserva vocacional para a vida religiosa, nem parece que ela vai liderar ou exportar qualquer movimento renovador de transcendência. A retórica de seus congressos é mais imaginativa do que eficaz em suas propostas e projetos. Tudo isso realmente nos parece ser um quadro pouco encorajador (ROCA TRES-CENTS, 2017, p. 91-93).

Perspectivas gerais da Animação Vocacional

Diante de uma crise tão prolongada, é surpreendente como poucas respostas são necessárias para agir e, pelo menos, tentar endireitar o curso ou melhorar as perspectivas de uma crise que vive a maioria dos institutos missionários. Também não vimos abordagens globais e inovadoras capazes de desafiar esta crise. Provavelmente, a Vida Religiosa está vivendo em um tempo com

pouca predisposição para refletir sobre si mesma. Ou será que temos um medo inconsciente de perder “o que sempre foi feito” e dificuldade em aceitar, enfrentar modalidades e formas totalmente novas de Animação Missionária Vocacional?

Papa Francisco fala-nos de uma situação muito atual que está vivendo a Vida Consagrada:

*A evolução contemporânea da sociedade e das culturas, numa fase de rápidas e extensas mudanças imprevistas e, ao mesmo tempo, caóticas, expôs também a Vida Consagrada a contínuos desafios de ajustamento. Isso implica e exige continuamente novas respostas, e corre paralelamente a crises na elaboração de projetos históricos e perfis carismáticos. O sinal desta crise é o cansaço óbvio. Deve-se reconhecer que, em alguns casos, existe realmente a incapacidade de passar de uma administração comum para uma guia capaz de estar à altura com a nova realidade na qual devemos agir com sabedoria. Isso supõe não se contentar com estratégias de mera sobrevivência, mas hoje exige a liberdade necessária para lançar processos. Acima de tudo, existe a necessidade crescente de um ministério de orientação capaz de solicitar uma verdadeira sinodalidade, alimentando um dinamismo de sinergias. Só nesta comunhão de esforços será possível gerir a transmissão com paciência, sabedoria e com visão de futuro. A situação de mudança acelerada corre o risco de enredar a Vida Consagrada, **obrigando-a a viver de emergências e não de horizontes**. A gestão contínua de emergências cada vez mais urgentes gasta mais energias do que se pensa. E corre-se o risco de estar completamente envolvido na resolução dos problemas, em vez de imaginar novas rotas. (CIVCSVA, 2017, p. 29-32)*

Diante desta situação em que se encontra a Vida Consagrada, temos consciência de que temos *muitos desafios ainda em aberto e que* só o Espírito do Senhor nos inspira a **criar processos** que nos ajudem a ser aqueles sinais credíveis onde um jovem pode dizer Sim a Deus e dar, tudo pelo tudo, vivendo no interior de um **carisma renovado** que dá respostas ao mundo e à história atual.

Muitos são os processos vocacionais que foram realizados a nível das dioceses ou congregações nos últimos 20 anos, e vemos com tristeza que a situação vocacional não deu mudanças vigorosas. E isso é simplesmente porque a mudança não tem sido a

partir do interno de todo um instituto, mas apenas se tomaram novas modalidades isoladas, feitas especialmente para a AMV, mas desligadas do processo de uma renovação ou de uma mudança global-holística que só pode surgir de dentro da congregação ou da Diocese.

Muitas vezes se procuram novas modalidades de AMV, ao ponto de mudar constantemente o pessoal que trabalha neste setor, mas dificilmente vemos que o AMV é apenas a ponta de um “iceberg” de uma realidade institucional que segue a viver em estruturas de tenaz resistência à mudança, que responde apenas a emergências, obrigados a viver relegados na gestão da vida cotidiana ou das obras e total incapacidade de acolher a novidade em todas as suas dimensões.

A TERRA SAGRADA DO MUNDO JUVENIL

O jovem no mundo de hoje.

Os jovens pedem para serem escutados, acolhidos e respeitados na sua originalidade. Entre as características específicas mais evidentes da cultura dos jovens tem sido sinalado a preferência dada à imagem sobre outras linguagens comunicativas, a importância das sensações e emoções como meios para se aproximar da realidade. Revestem grande importância as relações, amizades e pertença, que também são cultivadas, graças às redes sociais. Os jovens geralmente manifestam uma abertura espontânea à diversidade, que os faz estar atentos aos temas da paz, da inclusão, do diálogo entre culturas e religiões. (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, n. 45)

Podemos identificar alguns traços que podem nos ajudar a descrever a juventude contemporânea. Poderíamos definir a juventude de hoje como a geração *selfie*, também denominada de “*geração millennials, alfa e Z*”.

Nativos digitais, essa característica é o que, talvez, melhor e mais faça a diferença em relação às gerações anteriores. A gestão

dos meios digitais multiplicou-se de forma muito significativa entre a população nos últimos anos, e também a dependência deles. O mundo digital substituiu um segundo posto na lista de atividades dos nossos jovens para estar com os amigos. Por outro lado, sua visão do mundo e sua comunicação com ele é realizada através do referido mundo digital. Algo que chama a atenção é que, embora seja verdade que as mídias digitais isolam, também é verdade que não usá-las faz com que muitos jovens se sintam sozinhos e incomunicáveis.

Esta é uma geração em que todos olham para si, uma geração autorreferencial. Muitas vezes o jovem se comporta como se estivesse ausente do mundo ao seu redor. O nível de comunicação desta geração é um botão de amostra: é uma comunicação virtual e não interpessoal.

O consumismo lhe afeta a maneira de pensar e de pensar-se, de projetar e projetar-se, de entender e de tratar os demais, influenciando em muitos aspectos a personalidade.

Em caso de estar aberto a ideais nobres que poderiam dar sentido a uma vida, como a solidariedade, a luta pela justiça e o cuidado com os mais necessitados, a tendência é fazê-lo *ad tempus*. O “para sempre” não é contemplado pela grande maioria dos jovens pertencentes à geração digital. Pode ser que a perda da realidade do mistério o leve a perder grandes entusiasmos e grandes paixões, o desejo de alcançar grandes metas e até mesmo de se fazer grandes perguntas.

O jovem de hoje é marcado também pela cultura débil predominante, compreendendo por cultura a mentalidade geral ou o modo de compreender a vida. Esta cultura débil, caracterizada por um pensamento frágil, pode levar à perda da beleza e do sentido estético, que pode levar o jovem à perda da paixão, matéria prima de um projeto de vida cristã e de Vida Consagrada.

Estas características não são apenas dos nossos jovens; afetam também em maior ou menor medida muitos outros, incluindo as pessoas consagradas, que influenciam consideravelmente a visão do jovem perante a religião, a vocação e a Vida Consagrada.

Jovens e vocação

Os jovens de hoje querem ver tudo claramente antes de se decidir, querem ter toda a informação antes de começarem a seguir Jesus na Vida Consagrada. Sua pretensão é de ter tudo claro para não correr riscos, o que o leva a circular em torno de si mesmo e adiar sua decisão indefinidamente. A juventude digital evita a questão existencial: quando a questão não perturba o coração, a existência é facilmente vivida como se estivesse fora do tempo e não tivesse futuro, o que torna muito difícil pensar na própria vocação como um chamado que vem do Alto, como um chamado sempre imprevisível e original. A abertura ao mistério por parte do jovem e do acompanhante é condição imprescindível para empreender um caminho real de busca vocacional e de formação.

A primeira coisa que se pode dizer sobre os jovens e a Vida Consagrada é que muitas vezes caminhamos em binários diferentes. A escassez de vocações e o aumento da idade média muitas vezes nos distanciam dos jovens. Dificilmente os contactamos e a Vida Consagrada corre muitas vezes o mesmo risco que a Igreja corre: falamos muito dos jovens (por vezes para os julgar e condenar), mas não falamos com os jovens. Propomos para eles um caminho de fé com categorias que não são compreensíveis para eles. A verdade é que sentimos dificuldade em caminhar com eles e partilhar com eles a nossa vivência de fé. A este propósito, é significativo que as JMJ são muito bem frequentadas, mas os nossos noviciados, como os seminários, seguem vazios. Também não podemos negar uma certa desconfiança em relação à Vida Consagrada ou religiosa. Esta desconfiança é alimentada pelos escândalos que ocorrem por parte das pessoas consagradas, como já apontamos ao assinalar a questão dos abusos sexuais ou da dupla vida de algumas pessoas consagradas.

Ainda alguns ou muitos se perguntam: levando em consideração as muitas “privações” ou a vida estruturada que impõe a Vida Consagrada, vale a pena fazer uma consagração específica dentro da Vida Consagrada?

Há razão para esperança?

À luz do que foi dito, surge uma pergunta: há razões para a esperança? Diante da cultura líquida, em que tudo é móvel, tudo é flexível, tudo muda, inclusive os valores, e não só estes, mas também os princípios, não apenas morais, mas também fundamentais; diante da perda da esperança nas utopias e, portanto, diante da dificuldade de assumir compromissos sérios e duradouros; diante da cultura do grande vazio, que se caracteriza pela ausência de valores e pela falta de ideologias e ideais, provocando um pensamento débil, que por sua vez gera um profundo relativismo; diante da cultura do fragmento em que os grandes relatos perderam o sentido; diante da evidência de que muitos vivem presos no imanentismo ... há razão para esperança?

Tudo o que temos dito é verdade, mas seria um grave erro grave pensar que os traços culturais que descrevemos estão presentes em todos os jovens ou de tal forma que não seja possível nenhuma abertura à transcendência, à fé em Jesus e à própria Vida Consagrada. Ainda hoje há jovens que procuram ardentemente o sentido pleno da sua vida; jovens que são capazes de entrega incondicional às grandes causas; jovens que amam Jesus apaixonadamente e que mostram grande compaixão pela humanidade. Talvez eles não falem do significado e sentido da vida, mas: o que eles entendem quando buscam obsessivamente a felicidade, o amor, o sucesso, a realização pessoal? Tudo isto faz parte do mundo das preocupações dos nossos jovens. Os jovens, para além de certos clichês, buscam essa harmonia e esperam que haja alguém desperto para despertá-los, alguém ordenado para ajudá-los a ordenar-se, alguém que viva em harmonia para ajudá-los a alcançá-la também. É aqui que entram as pessoas consagradas. E esta é a nossa grande responsabilidade no caminho da fé e no caminho vocacional dos nossos jovens: ajudar a que o jovem alcance harmonizar as suas inquietações, pondo ordem em todas elas (RODRIGUEZ CARBALLO, 2017, p. 2-10).

Atitudes nos processos vocacionais

Os processos vocacionais dentro de nossos institutos foram

diversificados de acordo com o lugar, o tempo e o caminho personalizado de cada jovem. No entanto, gostaríamos de salientar algumas atitudes interessantes para que o acompanhante possa levá-las em consideração no processo vocacional dos jovens de hoje.

Um acompanhamento de escuta

Estamos chamados, não apenas como igreja, a escutar mais. O desafio para o acompanhante de hoje não é ter pressa, ter tempo para escutar. É necessário que a vida do jovem nos “afete”, nos toque no íntimo de nossa própria vida, que não nos deixe indiferentes. Sabemos que o mundo dos jovens é dinâmico, de mudanças contínuas, fascinante, mas também complexo. Um mundo às vezes difícil para eles, cheio de perguntas, interessado completamente no que a cultura lhes oferece, mas parece que é um mundo que não nos interessa. Muitas vezes respondemos com conteúdo pré-fabricado, não ouvimos e julgamos este mundo juvenil.

Um acompanhamento que provoque questões existenciais

Por que a pastoral juvenil, a pastoral vocacional e a pastoral missionária dificilmente provocam questões existenciais nos jovens? Repete-se a prática de que o jovem, quando tem a experiência do encontro com Jesus, as nossas congregações oferecem-lhe um processo que só se dedica a encontros formativos onde se discutem questões doutrinárias ou morais, mas o resultado que temos é que muitos abandonam os processos e perdem o fogo do encontro com Jesus e a alegria de o seguir (ChV, 212).

Neste acompanhamento, estamos chamados a ajudar o jovem a interrogar-se sobre quem é ele? Quem sou eu? Isso requer tempo, escuta e delicadeza, mas muitas vezes nos ancoramos apenas nesta etapa, sem dar passos além. Aqui nossa tarefa seria de poder levá-los à pergunta mais profunda que possa ajudá-los a realizar sua vida: Para quem sou eu? (ChV, 286) Neste processo, procurar uma formação integral, sem desenraizar o jovem da sua cultura, do seu ambiente, da sua história, pois é aí que cresce a sua amizade com Jesus através da oração, da leitura da Palavra e dos apostolados concretos ao serviço dos outros.

Um acompanhante que caminha ao lado não em frente

De um acompanhamento em que se vai à frente do jovem, e preciso passar a um acompanhamento em que se caminha ao lado. Nesse segundo caso, o acompanhante não é perfeito, também tem suas fraquezas, fragilidades e seus pecados e está ciente disso, o que cria uma atitude mais humilde diante do jovem. No processo, o acompanhante não lhe dirá o que deve fazer, mas o apoiará no que ele realiza e o guiará com amor e sabedoria.

Certamente, para nós, pessoas consagradas, é uma grande missão. Encontrar fontes de fecundidade vocacional no mundo ou dentro de cada jovem, ou na fragilidade da Igreja, ou nas feridas e fraquezas que podem ser lugares de fecundidade e graça, é uma missão especial e delicada que implica sabedoria, criatividade, perseverança e muita humildade. Realizar o serviço de acompanhamento é um dom e uma grande missão.

Propor a vocação missionária em todas as suas formas é a AMV mais eficaz, porque as vocações nascem quando os jovens fazem uma experiência pessoal de encontro com Jesus nos diferentes contextos de missão. Não são os discursos, os acontecimentos e os espetáculos que tocam o coração das pessoas, mas a experiência concreta de Deus que nos chama a cooperar na sua missão. Para isso, somos convidados a uma AMV com menos discursos e encontros e com mais experiências de Deus na missão concreta seguida de um processo que permita a partilha, reflexão, discernimento e a criação de processos.

Animar é convocar e juntos podemos convocar uma nova primavera de missão que dá origem a novas vocações num processo de ação e reflexão contínuos. Estamos convencidos de que a tarefa mais árdua é reavivar em nós o dom da vocação missionária, ser sinais credíveis de um testemunho pessoal e comunitário que viva uma mística missionária, que caminhe ao lado dos jovens, que os contagie, para que também eles descubram a beleza e a nobreza da vocação missionária.

PARA REFLETIR

- Quais outras características você colocaria na juventude de hoje, como você definiria o jovem que vive próximo à sua paróquia ou comunidade?
- Como você definiria o acompanhante que caminha ao lado dos jovens que querem conhecer nossa família missionária?
- De que maneira todos os membros de nossa congregação são chamados a ser Animadores Vocacionais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONGREGACIÓN PARA LOS INSTITUTOS DE VIDA CONSEGRADA Y LAS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA (CIVCSVA). **Para vino nuevo odres nuevos**. La vida consagrada desde el Concilio Vaticano II: retos aún abiertos. Orientaciones. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2017.

FRANCISCO. **Exhortación Apostólica Postsinodal Christus Vivit**. Roma, 25 de março de 2019.

ROCA TRESCENTS, Josep. **Agonía de las órdenes y congregaciones religiosas**. Ensayo sociológico sobre su presente y futuro. Barcelona: Octaedro, 2017.

RODRÍGUEZ CARBALLO, José. **Los Jóvenes, La Fe y La Vida Consagrada**. XXIV Asamblea Nacional de CONFER, 13-15 novembro de 2017. Disponível em: <https://www.confer.es/35/activos/texto/6563-la-vc-camina-con-los-jovenes_jr-carballo.pdf>. Acesso: 25/05/2023.

SÍNODO DE LOS OBISPOS. **Los Jóvenes, La Fe y El Discernimiento Vocacional**. XV Asamblea ordinaria. Roma, 27 de octubre de 2018.